

6.^a feira, 21 de dezembro de 2012

Quando nos perdemos, resta o passado. O que já não existe é então a porta do caminho. Não porque me tenha perdido de outro, mas somente porque me deixei ficar, esquecido de mim mesmo entre as folhas de um caderno depois de percorridas muitas frases, como se fossem ruas de uma terra estranha, e entre essas páginas permanecesse semelhante a uma cobra em abandono da pele — concha onde a água já não corre para os lábios. No televisor — nem sei porque o liguei — o relato. Não sei quem perde não vou saber quem ganha. O corpo de amarelo cai sobre o corpo de azul, em corrida o verde erva. Corcova de rubis, a carta de ouros, o vento a trouxe e a deixou no chão lamacento da estrada da aldeia. Outrora, um manto, agora farrapos, cobriu os ombros — o bosque é secreto, nele estão as árvores repartidas pelos espaços longínquos e pelo tempo remoto. Das margens deste lago o imperador — leio numa revista austro-húngara — saiu à caça por escarpas e valados. A longa, negra sotaina — o reverendo quer da religião uma teoria quando é modo de vida. Serviu-se de mais doce: requeijão das neves com mel.

A paisagem está intacta. Passaram muitos anos. O canal no caminho estreito pelas arribas não foi destruído. O mar — idêntico ao de outrora, inquietante, luz de chumbo em tarde de inverno, temível, porque é um oceano — e do fundo da aldeia, do largo do forte aparecias — recordo-me de tudo, junto à chave da casa andou

sempre uma moeda de vinte reis com a efígie de Luiz I e a data de 1885. Um passo no bosque.

Vi-os por um acaso. Depois, imagem persistente por toda a manhã, por toda essa tarde e noite. Estavam onde as dunas se desfazem numa terra de areia e rocha rendilhada e as canas irrompem a espaços e o mar avança num baixio, em forma de enseada.

Pequena laguna. Os canaviais lançam a sombra de hastes oscilantes. Estavam ali, sob um tempo desde sempre, assim parecia. Duas cabeças ao rés da água. Duas cabeças, pescoços, ombros elevavam-se para rasarem a superfície. Numa leve ondulação, ténues círculos desprendiam-se dos corpos — a fundura límpida da água luzia-lhes o vaga-lume dos membros. As cabeças, uma em frente da outra, eco que ficou a perdurar *dei gar frovoumena einai...* Lembram-me Górgias; e a coisa pensada que é e a coisa igualmente pensada que não é. Também eu acredito às vezes.

É o solstício do inverno. A noite do ano. Só a do verão lhe dá de rosto. Mas fomos de manhã a Lisboa. O Joaquim, a Jesus e o João Rosa. Queria muito que fossem ver as seis grandes telas do João Queiroz, ao Pavilhão Branco. Neste rever — e como são esplêndidas — vai muito do conflito da repetição. Sempre tive uma certa resistência em relação à sua pintura, à sua presença na tela. Não ao desenho, a que aderi desde os seus inícios com entusiasmo. Não escondo a minha total adesão a estas grandes telas, mal as vi, numa primeira visita. Agora voltei, por uma maior necessidade e exigência do ver. Como se as grandes pinturas tivessem estado retidas e silenciosamente a trabalhar para um próximo capítulo perceptivo, que foi esta segunda visita. Re-ver, re-olhar. Não que precisasse de tempo para provar a sua consistência, não que precisasse de insistir no seu visionamento para saber da sua força. A sua resistência apenas trazia o sentido do seu grau explícito de elevação.

Fiéis ao trabalho em desenho e ao que tem mostrado em pintura em tela, estas seis obras surgem possuídas de uma continuidade carnal, por impulso, por um arrebatamento que, dentro de cada peça vive de um contínuo e do seu reverso, quer se liquefaça em aquáticos verdes, em tons de fogo, em negros, azuis ou cinzas. O seu limite será a condição da história da paisagem e do desenvolvimento da

arte; o seu ilimite, a divisa do indivíduo, do próprio artista, enquanto produtor das suas modalidades do sentir. A grande tela que em tons escuros nos oferece um espaço de ruínas — de troncos de árvores, de gruta, de velhas estruturas de madeira, pouco importa — é bem um território incondicionado onde reina o sentir, o tacto, o gosto. É o ilimite dionisíaco e o limite apolíneo, condição instantânea da carne, que em arte nos permite participar da história dos afectos. João Queiroz, a que voltei, neste dia de menos luz de 2012, trouxe-me com estas seis pinturas um jogo fortíssimo de cores que se perdiam em mudança no vasto edifício da paisagem. Pinturas sensuais que regulam uma temperatura incessante, inacabada — pois iluminam uma visão à beira de um abismo —, ao criarem no seu âmago — na sua carne — intensos *accelerandi* e humildes *ritardandi*.

Para matar saudades dos Açores passámos pela loja da rua de S. Julião. Comprei bolo lêvedo, latas de atum com tomilho e doce de amora. A terminar a tarde fomos ver o filme *Amor*, de Michael Haneke. Frente ao amor somos sujeitos passivos, pois o amor não é uma paixão suave ou uma natureza amável.

«Tigers are beautiful imperfect brutes.» (*Blast 1*) Que um homem, de 33 anos, vestido de negro, se ergueu das bancadas da assistência, no Parlamento, interrompeu a presidente quando anunciava a comunicação à câmara do primeiro-ministro, dizendo: «Enganase. Agora falo eu. A democracia é uma ilusão.» E atirou para o hemiciclo o cartão de cidadão depois de o dobrar. Declarou depois, no exterior, que estava desempregado e «sem vontade de sustentar o sistema». «O meu nome é zero.» Terá dito. «Nasci cá, mas o que me importa é o planeta Terra.» Também o amor é muitas vezes fúria que leva à morte.

2.^a feira, 24 de dezembro

No terreiro da Ermida da Senhora do Socorro, à entrada do Carvalhal — na sua simplicidade rural é o espaço mais perfeito do

concelho — , arma-se o presépio. Sobre um estreito tablado de madeira estão as figuras. Ao descampado do céu, para que as estrelas possam trazer — não creio que seja o pastor que por aqui resta, conheço-o, e as suas ovelhas vejo-as num prado próximo — Némesis, a deusa que não tolera a iniquidade, e a conduzam até este modesto cenário erguido num chão liso que tem somente umas três ou quatro oliveiras como comunidade cultural.

Némesis, que é em si mesma um enigma, estou em crer que desce todos os anos para impedir que a *hybris* vagueie pelas proximidades. Ela não é visível na sua beleza, tão-pouco na fatalidade a que a beleza sempre se liga, e ainda bem, pois é cedo para julgar o infante que repousa nas palhas. Ela governa destinos. Traz consigo instrumentos da geometria antiga: o esquadro e uma régua. Medidas dos seus atributos e da sua capacidade de avaliar todo e qualquer excesso humano, como a verdade, que não passa de uma variante do erro, indispensável a grande parte dos homens. Que Némesis apareceu num sonho a Alexandre. E que este a viu geminada, como num espelho. A deusa serve-se das estrelas para descer no terreiro da Senhora do Socorro. Em toda a sua juventude, beleza e serena gravidade, desdobra-se em imagem. Ficam ao abrigo do estreito telheiro da galilé da ermida e ora uma ora outra das versões da dupla Némesis faz visita às figuras de barro. Àquela mãe, àquele pai, àquele recém-nascido. A este haveria de lhe marcar encontro — não é ele também a complexidade de um duplo, enquanto homem e enquanto deus — , em sonhos, no Jardim das Oliveiras, tal como fez com Alexandre. Quando o infante recém-nascido tiver crescido e em recolhimento se entregar à contemplação. Em sonhos, Némesis, com a sua cólera de deusa, haverá de querer confrontar esse homem na sua própria cólera de deus.

No adro da igreja da aldeia o madeiro pronto a arder. Deve ficar aceso por toda a noite e madrugada. Mesmo que chova, uma árvore já velha que terá caído ou que por doença teve que ser cortada, tal a sua grossura, manterá o fogo mesmo durante o dia de Natal. Diante do fogo, esta noite, à hora a que escrevo estas frases, ficaram depois da missa do galo, antes de seguirem para comerem as últimas filhoses e tomarem uma bebida quente. Há um acordo profundo que guardam nas suas meias palavras de vizinhos e parentes que têm

ainda memória de terem sido pertença de uma rudeza simples, aldeã. O fogo trespassa-os, assemelha-os, todos à sua volta parecem-se fisicamente. Não estão tristes nem tão-pouco alegres; é certo que a banda tocou aquela modinha brasileira, que costuma tocar desde a sua fundação, e que os fez ir beijar o Menino em dançável passo de lundum, mas o fogo aqueceu o ar, no adro; é uma bolha quente. Um rapaz ou outro denota-se do grupo — crescem como cardos. E os da irmandade fecham com um ruído seco a porta da igreja. Em conversa, em descompassados sons, sobem e descem a Rua Direita, recolhem-se às casas.

3.^a feira, dia de Natal

Recebi notícias da Ribeira Grande: «Dia muito quieto e bastante frio. Parece que toda a gente está fechada em casa e fala baixo. Daqui a pouco vou pôr lixo no contentor, que deve ser a única coisa aberta e disponível, não porque tenha em casa muito lixo, mas porque é um sítio onde vou.»

O país curva-se sobre si próprio — mera forma autista — sempre entregue a um corpo de governo, que é ninguém, e por isso mesmo um absoluto ambicioso em proveito próprio. Políticos que falam da «bondade» do seu não pensamento e da harmonia perfeita que irão pôr em prática sobre a visão de nenhures que violentam sob e sobre o desgaste do que colectivamente nos pertence. Neste final de ano sinto que nos levam para o fogo da pobreza e que nos golpeiam, em roubo, o sangue do rosto singular de cada um de nós, ao eliminarem-nos a acção, a responsabilidade, a intenção, a liberdade, a emoção diária humana. Fica-lhes a usura que sofremos; e nós, no todo do país, caminhamos para um país sem rosto — um objecto sem sujeito. Um perigoso objecto sem sujeito. Eles são, os políticos, como cabras geminadas, mas de uma só cabeça. No desequilíbrio das suas oito pernas, mal seguros, espezinham o chão do país, escoiceiam, lançam impropérios inquisitoriais, desde a vil tristeza da sua única cabeça.